

# | União Operária\*

de Flora Tristan

## A radicalidade do pensamento de Flora Tristan

### The Radicalism of Flora Tristan's Thought

por Suellen Abreu\*\*

Publicado originalmente em 1843, o livro *União Operária*, de Flora Tristan, finalmente chega às mãos do(a)s leitor(a)s brasileiro(a)s. A autora, que teve uma trajetória marcada pelos fortes vínculos com os socialistas do século XIX, é pouco conhecida no país. De sua grande produção bibliográfica<sup>1</sup>, até agora, apenas o livro *Peregrinações de uma pária* foi traduzido e publicado no ano de 2000 pela editora Mulheres. Da mesma maneira, os escritos sobre a socialista também são raros<sup>2</sup>. Além de *Uma vida de mulher, uma paixão socialista*, de Leandro Konder (1994), única biografia de Flora Tristan no Brasil, pode-se contar nos dedos de uma só mão os artigos publicados em revistas científicas brasileiras. Esta aridez bibliográfica contribui para que o presente livro seja comemorado com festa.

A autora esteve entre os precursores das ideias socialistas e se destacou pela ousadia de tentar compreender a situação da classe operária e, em seguida,

---

\* São Paulo: Perseu Abramo, 2016.

\*\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Políticas Públicas da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, Santos-SP, Brasil. End. eletrônico: su.gabreu@gmail.com

<sup>1</sup> Além de muitos artigos e petições, Flora Tristan, ao longo de sua vida, escreveu os livros: *Da necessidade de acolher bem as mulheres estrangeiras* (1833); *Peregrinações de uma pária* (1837); *Méphis* (1838); *Passeios por Londres* (1840) e, por último, *União operária* (1843). Há, fora do Brasil, uma produção extensa sobre as várias inserções de Flora, em especial como feminista e socialista.

<sup>2</sup> Em 2003, foi feita a tradução brasileira do romance *O paraíso na outra esquina*, de Mario Vargas Llosa, onde a trajetória de Flora Tristan é intercalada às descobertas artísticas daquele que viria a ser seu neto: o pintor pós-impressionista francês Paul Gauguin. No entanto, levantamos a hipótese de o livro ter sido publicado muito mais em função do público cativo do escritor peruano do que em função de um interesse repentino por Flora.

pela persuasão de que era necessária a construção de uma união operária. Não é obra do acaso se este pequeno livro foi escrito e publicado cinco anos antes daquele outro famoso que, em 1848, ficou conhecido como “*Manifesto do Partido Comunista*”. Quem imaginaria que antes de Marx e Engels (1998), uma mulher socialista teria lançado o apelo a todos os proletários, sem distinção de sexo nem de nacionalidade, para que se constituíssem enquanto classe operária?

Sua preocupação com a classe operária já estava presente no livro, nunca publicado no Brasil, que recebeu o irônico título de “Passeios por Londres”<sup>3</sup>. Este livro, que Tristan abre com uma dedicatória aos trabalhadores e **às trabalhadoras**, traz um precioso retrato da miséria londrina em que estão mergulhado(a)s operários e **operárias** (a autora do século XIX insiste em nos fazer perceber, no século XXI, que a classe operária tem dois sexos). Londres, que ela chama de “cidade monstro”, vive cada vez mais em função do dinheiro que destrói os laços de afeição e qualquer compaixão diante dos sofrimentos alheios. Nestes “passeios”, visitou uma grande variedade de ambientes. Foi a um bordel, a três prisões, um hospício, ao Parlamento Britânico – disfarçada de homem, pois era proibida a entrada de mulheres – e manteve-se em contato com os mais combativos setores do movimento operário inglês. As atrocidades vividas por operários e **operárias** das fábricas são relatadas por Flora, que alerta para o fato de que a divisão do trabalho levada ao extremo nas fábricas aniquila a inteligência e reduz os trabalhadores e **as trabalhadoras** à engrenagem das máquinas.

Se em *Passeios por Londres* a autora se depara com a realidade operária, é no livro *União Operária*, agora publicado no Brasil, que ela procura problematizar o que é e o que fazer junto à classe operária. Ela se dirige “aos raros operários e **operárias** da grande indústria da época”. Neste livro, Tristan esboça a ideia de uma união universal de operários e **operárias**, afirmando a potencialidade da classe trabalhadora: “Com um cálculo bem simples, demonstrei aos operários que eles próprios possuem uma riqueza imensa que podem, se quiserem se unir, fazer milhões e mais, milhões com seus centavos” (p.41). Aos poucos, ganha contorno uma concepção mais extensiva de classe operária, onde a autora inclui “todas as categorias de trabalhadores manuais, intelectuais, não proprietários” e também a considera como “a classe mais numerosa e a mais útil”. Flora dialoga com o movimento operário do período e faz uma denúncia das condições de miséria e de exploração desta classe numerosa e útil. Ao mesmo tempo, percebe

---

<sup>3</sup> Como os demais, este livro nunca foi publicado no Brasil. Aqui utilizamos a versão peruana *Paseos en Londres* (s/d), disponível na *Biblioteca Digital Andina*, disponibilizada pela Biblioteca Nacional do Peru.

as insuficiências das organizações de ajuda mútua e associações de solidariedade e brada:

Operários, vocês são infelizes, sim, não há dúvida; mas de onde vem a principal causa de seus males?... Se uma abelha e uma formiga, em vez de trabalhar em acordo com outras abelhas e formigas para abastecer a morada comum para o inverno, decidissem se separar e trabalhar sozinhas, elas morreriam de frio e de fome em seu canto solitário. Então por que vocês querem continuar no isolamento?... – Isolados, vocês são frágeis e terminam sufocados sob o peso de misérias de toda sorte! Então! Saiam de seu isolamento: unam-se! A união operária faz a força. Vocês têm a seu favor o número, e o número é muita coisa. (p.67)

Diante desta ideia que tem uma radicalidade instigante, é possível compreender o porquê de *União Operária* ter uma tiragem inicial de quatro mil exemplares, superando duas vezes a primeira tiragem do *Manifesto Comunista*, como observa Eleni Varikas na apresentação do livro à edição brasileira. Aliás, esta primeira tiragem é fruto de um esforço pessoal da autora, que andou por toda a França pedindo contribuições para a publicação<sup>4</sup>.

Pioneira em explicitar a situação das mulheres, enquanto exploradas economicamente e excluídas da vida política. No belo capítulo “Porque menciono as mulheres”, além de contribuir para o feminismo socialista, Flora adota a perspectiva de que libertar as mulheres das amarras da dominação é obra da própria classe operária. Para tanto, são necessárias as condições materiais que só a auto-organização pode oferecer. A autora ainda oferece elementos para compreendermos a divisão sexual do trabalho.

É preciso considerar que em todas as profissões exercidas por homens e mulheres a jornada da operária é paga com metade da jornada do operário, ou se ela trabalha por tarefa, seu pagamento será ainda menor. Não podendo suportar uma injustiça tão flagrante o primeiro pensamento que nos vem à mente é: em razão de sua força de muscular o homem faz sem dúvida o dobro do trabalho da mulher. Mas não! É justamente o contrário que acontece. Em todas as profissões em que é preciso destreza e agilidade os dedos das mulheres fazem exatamente o dobro do trabalho dos homens (p. 117).

Este texto foi escrito em 1843. Como não se impressionar com a radicalidade do pensamento de Flora? Escrevera num momento em que as mulheres estavam à margem da participação política, sequer eram consideradas como sujeito no

---

<sup>4</sup> A autora faz questão de apresentar no livro a lista com os nomes de todos que de alguma forma contribuíram para esse projeto.

sentido filosófico do termo. Como mulher, Flora teve uma vida atravessada por muitas formas de brutalidade que o fato de ser “mulher” lhe impunha. “Eu sou uma pária”, como ela mesma dizia. Filha ilegítima de um aristocrata peruano e uma plebeia francesa, perdeu o pai ainda nova e viveu com muitas dificuldades financeiras, trabalhou como operária têxtil e gráfica, foi obrigada pelas pressões maternas a casar-se aos 17 anos, tendo três filhos dessa relação. Para romper com o casamento fugiu e como o divórcio nessa época não era permitido, foi levada à prisão por seu marido, que mais tarde, tenta assassiná-la com um tiro, cuja bala fica alojada no corpo de Flora tornando frágil sua saúde.

Nenhum destes episódios foi capaz de frear a ousadia de Flora Tristan. Ao contrário, a publicação de *União operária* a coloca cada vez mais em contato com o mundo operário. O pensamento da autora é indissociável do projeto do socialismo utópico do período. Numa perspectiva reformista, própria a este movimento, propostas visavam a construção em diferentes regiões de Palácios da União Operária, cujo objetivo seria a proteção, escolarização e assistência aos trabalhadores. Ao mesmo tempo, fazia a proposta de que a classe operária fosse representada no parlamento por um defensor/represente escolhido assalariado pela *União Operária*.

Estes traços reformistas não diminuem a radicalidade de suas ideias. Flora Tristan era incansável lutadora em defesa do direito ao trabalho, do direito à instrução moral, intelectual, profissional para todos e **todas**. Até o fim de sua vida, sustentou como princípio a igualdade de direito entre o homem e a **mulher**. (p.170).

Com a publicação de *União Operária*, Flora saiu pela França para falar diretamente com os operários e as operárias. Foi a quase todas as regiões. Defendeu suas ideias, foi ouvida, mas também teve suas propostas rejeitadas. Ao fim de novembro de 1844 seu corpo, fragilizado pelo tiro que levou do inconformado ex-marido, tombou. Flora faleceu fazendo o que ela mais gostava: propagar as ideias de uma *União Operária*. A classe operária reconheceu a fortaleza de suas propostas e a homenageou com uma nova tiragem do livro, de dez mil exemplares totalmente pagos pelos trabalhadores e pelas **trabalhadoras**.

Frente à grande fragmentação da classe trabalhadora nos dias atuais e ainda sob o permanente desafio de lutar por igualdade para as mulheres, a leitura de *União Operária* é um oásis de grande fecundidade política e histórica.

## **Bibliografia**

KONDER, Leandro (1994). *Uma vida de mulber, uma paixão socialista*. Rio de Janeiro: Relumé Dumara.

LHOSA, Mario Vargas (2003). *O paraíso na outra esquina*. São Paulo: Editora Arx.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich (1998). *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial.

TRISTAN, Flora (2016). *União Operária*. São Paulo: Perseu Abramo.

\_\_\_\_\_ (2000). *Peregrinações de uma pária*. Florianópolis: Editora Mulheres.

\_\_\_\_\_ (s/d). *Paseos em Londres*. Lima: Biblioteca Nacional do Peru.